

BEM-ESTAR ANIMAL NA PRODUÇÃO DE CARNE BOVINA BRASILEIRA¹

Diogo Leitão Miranda²
José Márcio Carvalho³
Karim Marini Thomé⁴

1 - INTRODUÇÃO

A abertura de mercado, ao aproximar as economias de diferentes partes do mundo, tornou possível não só a entrada de produtos vindos dos mais diversos países, mas também passou a exigir, dos vários setores da economia nacional, maior competitividade como requisito para sua sobrevivência (EUCLIDES FILHO, 2000).

Além da sanidade do alimento e das qualidades nutricionais, o consumidor começa a buscar no produto atributos como respeito ao meio ambiente, respeito às leis sociais do trabalho, comércio justo e alimentos elaborados via processos tradicionais preservados por produtores locais (HOCQUETTE et al., 2012). Seguindo esta mesma lógica, os consumidores começaram a exigir produtos de fazendas que prestem atenção às necessidades e comportamento natural dos animais e seu bem-estar (OLIVEIRA; BORTOLI; BARCELLOS, 2008; HOCQUETTE et al., 2012).

A qualidade da carne produzida é de extrema relevância, pois os países que importam a carne brasileira vêm fazendo várias exigências em relação às características de qualidade da carne, alimentação do rebanho, métodos de produção e instalações (OLIVEIRA; BORTOLI; BARCELLOS, 2008).

Segundo Hocquette et al. (2012) e Costa et al. (2012), o Brasil, por ser um dos principais produtores e exportadores de carne bovina, apresenta interesse no tema da qualidade com ligação ao bem-estar animal e, pelo estudo

de Costa et al. (2012), vem apresentando significativos avanços, assim como o Uruguai e o Chile. Deste modo, o presente trabalho parte da perspectiva, dada por esses autores, da qualidade da carne ligada ao bem-estar animal e da possibilidade de diferenciação da carne (OLIVEIRA; BORTOLI; BARCELLOS, 2008) e teve como objetivo fazer um levantamento do bem-estar animal na produção de carne bovina brasileira, por meio da percepção de especialistas da área. A pesquisa visa assim revelar a atual situação em que se encontra a produção e quais aspectos conferem impactos tanto na eficiência produtiva dos agentes quanto na melhoria da qualidade da carne oferecida ao mercado consumidor.

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

Das muitas definições propostas, uma das mais aceitas no ambiente científico vem sendo aquela publicada por Broom (1986), segundo a qual "bem-estar de um indivíduo é seu estado em relação às suas tentativas de se adaptar ao seu ambiente".

Outras definições também são dadas, como a de Humnik (1992), segundo a qual o bem-estar animal é o "estado de harmonia entre o animal e seu ambiente, caracterizado por condições físicas e fisiológicas ótimas e alta qualidade de vida do animal".

O Farm Animal Welfare Council (FAWC, 2009) preconiza cinco princípios básicos (*five freedoms* ou cinco liberdades) a serem atendidos em relação ao bem-estar animal: 1) garantir condições que evitem fome, sede e desnutrição; 2) garantir condições que evitem medo e angústia; 3) garantir condições que evitem desconforto físico e térmico; 4) garantir condições que evitem dor, injúrias e doenças; 5) garantir condições que permitam as expressões normais de comportamento.

O conceito das cinco liberdades origi-

¹Registrado no CCTC, IE-03/2013.

²Engenheiro Agrônomo, Mestre, Universidade de Brasília (e-mail: diogolmiranda@uol.com.br).

³Engenheiro Agrônomo, Doutor, Professor da Universidade de Brasília (e-mail: jmcarvalho1708@gmail.com).

⁴Administrador e Engenheiro Agrônomo, Professor da Universidade de Brasília (e-mail: thome@unb.br).

nou-se com o relatório do Comitê Técnico de Inquérito para o bem-estar dos animais mantidos sob sistemas de pecuária intensiva, o chamado Relatório Brambell de dezembro 1965 (HMSO, Londres). Esta declaração afirma que os animais devem ter liberdade "para se levantar, deitar, virar-se, limpar-se e esticar seus membros", uma lista que ainda é por vezes referida como *brambell's five freedoms* (FAWC, 2009).

O bem-estar está relacionado com conforto físico e mental. Conforto mental é um estado que, sem dúvida, está relacionado com a condição física, mas não apenas. É difícil saber o grau de satisfação do animal (contentamento) com seu ambiente. Entretanto, a manifestação de certos comportamentos se constitui em evidência do desconforto, inclusive mental. Privação de estímulos ambientais (ambiente monótono, falta de substratos, palha, ramos, terra) leva à frustração, que pode se refletir em comportamentos anômalos ou estereótipos. Conforto físico implica o animal saudável e bom estado corporal (HURNIK, 1992).

Existe uma relação muito estreita entre bem-estar animal, saúde animal e desempenho produtivo. Assim, o conhecimento e o respeito à biologia dos animais de produção proporcionam melhores resultados econômicos, mediante o aumento da eficiência do sistema produtivo e da melhoria da qualidade do produto final (HOCQUETTE et al., 2012).

À medida que a sociedade passa a reconhecer o sofrimento animal como um fator relevante, pode-se inferir ao bem-estar dele um valor econômico. Ao entrar no mundo da economia, o bem-estar animal passa a ser parte integrante dos cálculos do valor econômico dos produtos de origem animal. Percebe-se uma tendência de se organizar formas de exigência de padrões mínimos de bem-estar animal a partir de regulamentações governamentais. Esta exigência, que se inicia de forma interna em muitos países europeus e, mais timidamente, nos Estados Unidos, provavelmente alcançará os domínios do comércio internacional (MOLENTO, 2005).

Entre os países europeus é clara a tendência de um retrocesso a partir do padrão de produção intensiva extrema que se atingiu, levando mais em consideração atitudes centradas nos interesses dos animais (HOCQUETTE; CHATELLIER, 2011).

O tema bem-estar animal estabelece uma interface com as mais diversas etapas da produção animal, destacando-se a influência do ambiente, das instalações, do manejo do nascimento ao abate, dos cuidados de saúde, da oferta de alimento e água e do transporte (HOCQUETTE et al., 2012; COSTA et al., 2012; OLIVEIRA; BORTOLI; BARCELLOS, 2008).

De acordo com Bellaver e Bellaver (1999), o equilíbrio entre a agricultura racional e o meio ambiente é confrontado com o valor econômico da implementação de práticas sustentáveis e as preocupações ambientais. Novas tecnologias devem ser aplicadas considerando a segurança alimentar, bem-estar e um ambiente ileso, que não cause injúrias ao animal. A produtividade do gado melhorado para suportar o desenvolvimento econômico e a gestão sustentável dos recursos são objetivos compatíveis.

As instalações agropecuárias devem ser adequadas de modo a não causar danos ao animal (couro e carcaça) e garantir o bem-estar e a segurança do pessoal responsável pelo manejo dos animais (COSTA et al., 2012).

Segundo o Codex Alimentarius (1999), o alojamento para os animais não será obrigatório em áreas onde as condições climáticas são adequadas para permitir a vida ao ar livre. Quando necessário, as condições das instalações devem atender às necessidades biológicas dos animais.

O manejo pré-abate influencia significativamente a qualidade da carne e do couro, bem como o aproveitamento da carcaça. Além das perdas decorrentes de contusões e hematomas, o estresse vivenciado por esses animais durante o manejo, na propriedade ou em abatedouros mal planejados, diminui sua qualidade e vida útil (COSTA et al., 2012).

O transporte é considerado o evento mais estressante que os bovinos sofrem durante as suas vidas (OLIVEIRA; BORTOLI; BARCELLOS, 2008). Transportar animais envolve um número grande de variáveis estressantes que podem afetar o bem-estar de diferentes maneiras. O transporte é precedido da coleta dos animais e do embarque destes no caminhão. Nesse estágio, os animais podem estar sujeitos a violência por parte de pessoas, exercícios físicos a que não estão acostumados como subir rampas, assim como a sons e animais com os quais não

estão familiarizados.

Durante o transporte os animais podem estar abarrotados, privados de comida e água por longos períodos, não podem se deitar, ficam sujeitos a quedas e desequilíbrios quando o caminhão breca ou faz curvas, e ficam expostos a altas temperaturas sem ventilação adequada. Na chegada ao destino, são submetidos a mais estresse associado ao desembarque e realocação. Finalmente, o estresse associado com o transporte e a mistura com outros animais aumenta o risco de doenças e continuam a afetar o bem-estar mesmo depois que o transporte termina. Esses diferentes estresses impactarão o animal de diferentes maneiras (RUSHEN et al., 2007).

A preocupação com o bem-estar animal na hora do abate foca em questões sobre como os animais são manejados até o abate, como estes são mantidos enquanto esperam pelo abate e se eles estão ou não conscientes na hora do abate (RUSHEN et al., 2007).

O Codex Alimentarius (1999) indica que o abate de animais deve ser feito de forma que minimize o sofrimento e estresse, de acordo com as regras nacionais. Segundo a Instrução Normativa n. 3, de 17 de janeiro de 2000, da Secretaria de Defesa Agropecuária (BRASIL, 2000), que aprova o regulamento técnico de métodos de insensibilização para o abate humanitário de animais de açougue, procedimentos de abate humanitário são o conjunto de diretrizes técnicas e científicas que garantam o bem-estar dos animais desde a recepção até a operação de sangria.

3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 - Método Delphi

O presente estudo apresenta uma abordagem qualitativa e, como ferramenta metodológica, utilizou-se o método Delphi. Estudos qualitativos são indicados em pesquisas de estudos exploratórios e já são empregados em trabalhos que envolvem o bem-estar animal como na recente pesquisa de Anneberg, Vaarst e Sorensen (2012).

O método Delphi é uma técnica que visa refinar a opinião de especialistas, por meio de procedimentos criteriosos. Inicialmente, faz-se

a seleção de um grupo de *experts* no assunto que se quer estudar (WRIGHT; GIOVINAZZO, 2000). Neste caso, escolhem-se, nas diferentes regiões produtoras do país, os participantes, os quais devem ser profundos conhecedores do processo de produção da carne bovina.

O método Delphi envolve a aplicação sucessiva de questionários a um grupo de especialistas ao longo de várias rodadas. No intervalo de cada rodada são feitas análises das respostas e o resultado é compilado em novos questionários que, por sua vez, são novamente distribuídos ao grupo (KAYO; SEOURATO, 1997). Dalkey e Helmer (1963) afirmam que o objetivo principal é tentar se obter o mais confiável consenso entre os especialistas, embora nem sempre isso seja possível.

Embora não haja nenhuma maneira de determinar o número ideal de especialistas para participar da pesquisa Delphi, estudos realizados dizem ser necessários no mínimo sete especialistas, sendo que o erro diminui, significativamente, para cada perito somados aos sete peritos. Não é aconselhável ter mais de 30 especialistas, pois a melhora na previsão (ou descrição do problema) é muito pequena e, geralmente, o aumento no custo e no trabalho de investigação não valem a pena (ASTIGARRAGA, 2005).

O questionário, em geral, é bastante elaborado, apresentando para cada questão uma síntese das principais informações conhecidas sobre o assunto e, eventualmente, extrapolações para o futuro, de forma a homogeneizar linguagens e facilitar o raciocínio orientado para o futuro (WRIGHT; GIOVINAZZO, 2000).

As respostas das questões quantitativas são tabuladas, recebendo um tratamento estatístico simples, definindo-se a mediana e os quartis, e os resultados são devolvidos aos participantes na rodada seguinte (WRIGHT; GIOVINAZZO, 2000).

Segundo Astigarraga (2005), o método Delphi se distingue por três características básicas: anonimato, interação com *feedback* controlado e respostas estatísticas do grupo. O anonimato entre os participantes é um modo de se reduzir influência direta de um membro sobre o outro, pois eles não se intercomunicam diretamente. Também possibilita que traços de dominação da hierarquia da organização burocrática não influenciem na geração de ideias. Em outras

palavras, a opinião de qualquer funcionário vale tanto quanto a do seu supervisor.

O *feedback* estabelecido por meio das diversas rodadas permite a troca de informações entre os participantes e, em geral, conduz a uma convergência rumo a um consenso (ESTES; KUESPERT, 1976).

A utilização de uma definição estatística da resposta do grupo é uma maneira de reduzir a pressão do grupo na direção da conformidade, evitando, ao fim do exercício, uma dispersão significativa das respostas individuais. O produto final deverá ser uma descrição do sistema que contenha o ponto de vista da maioria. No entanto, pode haver um resultado também minoritário, se a minoria tiver convicção acerca do assunto (especialistas) (ASTIGARRAGA, 2005).

O número de rodadas deve ser tal que atenda a um grau satisfatório de convergência entre os entrevistados. No mínimo, duas rodadas são necessárias para caracterizar o processo Delphi, sendo raros os exemplos de estudos com mais de três rodadas de questionários (WRIGHT; GIOVINAZZO, 2000).

3.2 - Pesquisa

Foi confeccionado um questionário a partir do referencial teórico levantado pelos autores. A pesquisa foi composta de duas rodadas de entrevistas - um primeiro questionário mais amplo, procurando abordar todos os aspectos necessários para a realização da pesquisa, e um segundo questionário com o objetivo de chegar a um maior consenso, por meio de um *feedback* aos entrevistados, em questões controversas nas quais houve um maior desacordo entre os entrevistados.

O primeiro questionário teve como foco o bem-estar animal e foi dividido em dois blocos, sendo eles: bloco 1: caracterização do respondente e da empresa/instituição; bloco 2: questão do bem-estar animal, conservando o anonimato do participante.

O bloco 2 foi dividido em 6 seções, sendo elas: A) produção, B) logística, C) abate, D) comércio e mercado, E) legislação e políticas públicas e F) percepção.

Para a caracterização da situação dos principais pontos na criação, manejo e logística relacionados ao bem-estar animal foi utilizado

uma escala de 5 pontos, indo de “muito preocupante” até “não gera preocupação”, passando por “preocupante”, “indiferente” e “pouco preocupante”.

Foram feitas 30 solicitações de entrevista. O questionário foi enviado para especialistas na área de produção animal em empresas privadas, na administração pública, em agências de pesquisa e em universidades.

Foi possível realizar nove entrevistas. Foram entrevistados um servidor do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), um pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), um pesquisador da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), três professores de diferentes universidades federais brasileiras, dois funcionários de empresas multinacionais distintas e um representante de classe do setor. Todos os entrevistados trabalhavam em atividades relacionadas com a área de produção de carne bovina.

Após a compilação dos dados levantados na primeira fase da pesquisa, foi formulado um segundo questionário. O objetivo deste segundo questionário foi realizar um *feedback* para os entrevistados e gerar um maior consenso entre as opiniões destes mesmos.

O segundo questionário foi dividido nos mesmos padrões do primeiro, mas neste as questões foram acompanhadas de informações levantadas no primeiro questionário, possibilitando a troca de informações entre os entrevistados para que haja uma convergência de ideias.

4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio da pesquisa pôde-se levantar um quadro geral de como se encontra a pecuária bovina de corte em termos de bem-estar animal no país. Para a maior parte dos entrevistados, a situação fica entre “preocupante” e “muito preocupante”.

O Brasil é um país continental com milhares de propriedades rurais localizadas em todas as regiões brasileiras cujas condições de manejo e alimentação são bastante variadas. Somado a isso estão as condições econômicas e de costumes de cada um desses pecuaristas, o que acaba por resultar no desafio de se praticar adequadamente o bem-estar animal em todas as

etapas do processo de criação e abate.

O sistema de criação extensivo pode ser adaptado muito facilmente para garantir as cinco liberdades. No sistema extensivo, um animal pode expressar um melhor comportamento do que em sistema de criação intensivo, por exemplo.

Além de ser uma questão ética, o bem-estar animal é um fator econômico: promove aumento da produtividade e da lucratividade do rebanho, uma vez que influencia na quantidade e na qualidade da carne produzida.

Todos os entrevistados são conhecedores das cinco liberdades defendidas por órgãos preocupados com o bem-estar animal e já presentes em legislações. As cinco liberdades são vistas como garantidoras do máximo desempenho zootécnico na produção animal, mas também um fator que encarecem a produção devido às instalações onerosas que aumentam diretamente o custo de produção.

O uso das cinco liberdades, segundo

um dos entrevistados, é uma boa referência na avaliação do bem-estar animal, porém devem ser medidas de forma objetiva e científica. Pesquisas voltadas à ciência, preferências, estado mental, entre outras, têm aprofundado o conhecimento do comportamento com vistas ao melhor entendimento do bem-estar.

Os entrevistados ressaltaram que, por maiores que sejam os avanços, a média das propriedades ainda é preocupante, principalmente quando se leva em consideração as exigências cada vez maiores por parte dos mercados consumidores.

Pode-se observar por meio da figura 1 que as variáveis analisadas ficam principalmente entre “muito preocupante” e “preocupante”. É importante ressaltar que, pela extensão continental do país e as diferenças socioculturais existentes ao longo dele, as condições representadas são apenas um padrão de percepção dos entrevistados, podendo ser muito diferentes, tanto para melhor como para pior, em regiões específicas.

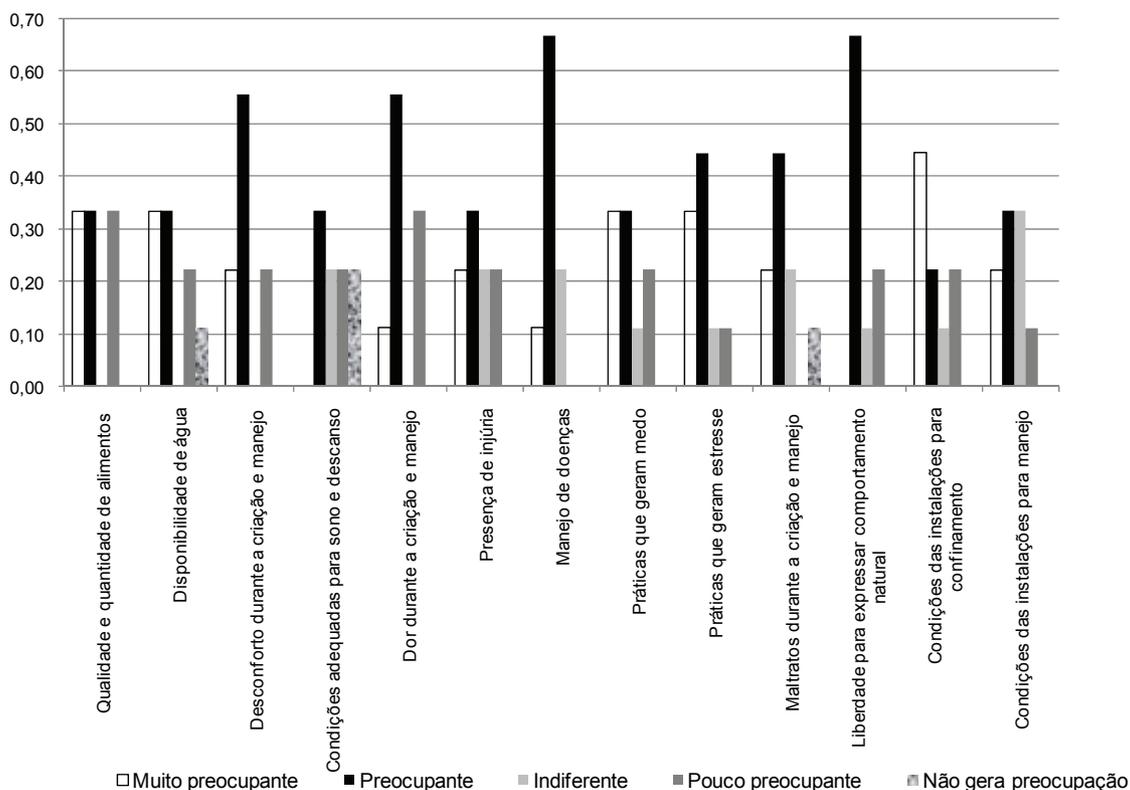


Figura 1 - Percepção dos Entrevistados em Relação a Pontos Específicos na Produção de Carne Bovina, Brasil, Fevereiro e Março de 2011.

Fonte: Dados da pesquisa.

Para 66,7% dos entrevistados, a qualidade e a quantidade de comida oferecida aos animais é “muito preocupante” ou “preocupante”. A dieta fornecida muitas vezes não é a ideal, entre outros fatores devido a pastagens degradadas. Além disso, às vezes animais mais novos não conseguem comer por ficarem juntos (manejo inadequado) a animais mais velhos que, por uma hierarquia natural entre os animais, comem primeiro, restando uma quantidade insuficiente para os mais novos.

Foi levantado também que, em situação de produção, um fator preocupante é a fome, que ocorre com frequência em propriedades não preparadas para o período de estiagem. Segundo entrevistado, “há a necessidade de se reduzir a mortalidade e perda de peso pela escassez alimentar e falta de suplementação na seca, seja por normas ou por incentivos governamentais”. Para os entrevistados, o reflexo da pouca relevância dada a esse tema resulta no, ainda, baixo índice de desfrute da pecuária de corte no Brasil quando comparado a países como o Estados Unidos, Austrália e até a Argentina.

Também para 66,7% dos entrevistados, a situação da disponibilidade da água ofertada para os animais, seja em quantidade ou qualidade, é “muito preocupante” ou “preocupante”. Segundo eles, isso ocorre em produções com grandes extensões de terra onde o animal tem que caminhar distâncias não aceitáveis para encontrar água ou em produções onde o local que a água é ofertada fica exposto ao sol, deixando a água quente.

O desconforto durante o manejo é visto por 55% dos entrevistados como “preocupante” e por 22,2% como “muito preocupante”. Enquanto a dor e a presença de injúrias durante a criação e o manejo são vistas por 66,7% e 55,6%, respectivamente, como “muito preocupante” ou “preocupante”. Já as condições para sono e descanso são vistas como “preocupante” apenas por 33,3% dos entrevistados, enquanto que 44,4% são “indiferentes” ou acham “pouco preocupante” e 22,2% acham que “não gera preocupação”.

Segundo um dos entrevistados, a maioria dos rebanhos tem cruzamentos diferenciados; entretanto, em função do clima tropical brasileiro, em diferentes graus o animal muitas vezes passa por desconforto em função de altas temperaturas e da umidade, assim como a não

disponibilidade de água devido às grandes áreas em que são criados.

Outros fatores levantados relacionados à questão da injúria são a permanência dos animais em piso de concreto, onde se machucam ao se deitarem e levantarem e falta espaço, fazendo com que se firam uns aos outros no período que ficam em confinamento, mesmo que por um curto tempo.

Uma questão que chama atenção é o manejo de doenças durante a produção animal - 66,7% dos entrevistados o veem como “preocupante” e 11,1% como “muito preocupante”. A grande presença de parasitoides e sua falta de controle foi destacada durante a pesquisa.

Práticas que geram medo e estresse foram vistas como “muito preocupante” ou “preocupante” por 66,7% e 77,8% dos especialistas, respectivamente, o que também se reflete na visão em relação aos maus-tratos durante a criação e o manejo: 22,2% dos entrevistados a veem como “muito preocupante” e 44,4%, como “preocupante”.

O estresse pode ocorrer em situações pontuais como manejo para vacinação ou embarque, por exemplo, e seria minimizado se o pecuarista estivesse capitalizado para investir em infraestrutura, como melhoria de curral e balança.

Um fator de extrema importância para o bem-estar animal, a liberdade para expressar um comportamento natural, foi vista por 66,7% dos entrevistados como “preocupante”. Isso ocorre principalmente em locais de confinamento, onde os animais muitas vezes não têm espaço nem para se movimentar.

As instalações para o confinamento representam o ponto no qual o maior número de entrevistados classificou a situação como “muito preocupante” (44,4%), e outros 22,2% ainda classificaram como “preocupante”. Já as condições das instalações para manejo foram classificadas como “muito preocupante” por 22,2% e “preocupante” por 33,3% dos entrevistados.

Segundo entrevistado, tanto a questão do adensamento, quanto da falta de estrutura adequada para o manejo dos animais, fazem parte dos desafios que se tem de superar para melhorar o atual índice de desfrute e a qualidade de carne bovina brasileira.

Para os entrevistados, produtores que

já vêm utilizando os princípios de bem-estar animal em suas instalações percebem melhorias em sanidade, desempenho, conversão alimentar e qualidade do produto, além de uma maior facilidade de manejo, menor quantidade de carne descartada no frigorífico e num plano mais geral, maior qualidade ética de seu trabalho.

Um animal que sofre desnutrição, sede, doenças ou maus tratos não será um animal que dará lucro ao pecuarista, já que seu ciclo de engorda será mais longo. Da mesma forma, um animal que sofre estresse no embarque, transporte e chegada ao frigorífico não é interessante para a indústria já que isso afetará diretamente a qualidade da carne e o aproveitamento da carcaça. Um animal sadio, bem nutrido e sem estresse reflete este tratamento diretamente no ganho de peso diário e, conseqüentemente, na economia da fazenda.

Isto confirma a visão de Costa et al. (2012), que ressaltou que o bem-estar animal não é apenas uma questão moral e ética, mas uma questão econômica. Para os entrevistados, ainda se faz necessário implementar ações efetivas de premiação das práticas de bem-estar animal quando da comercialização de animais. Um exemplo seria o pagamento diferencial pela qualidade da carne e do couro.

Atualmente, a maioria dos produtores não recebe nenhum diferencial pela qualidade do couro de seu animal. Isso seria uma maneira muito simples de diferenciação de práticas de manejo de bem-estar. O animal que recebe alimentação adequada, criado em instalações apropriadas, não recebe maus tratos no manejo e nem é infestado de ectoparasitas, normalmente produz um couro de melhor qualidade. Entende-se que o pagamento diferenciado do couro seria uma maneira simples de bonificar a prática de bem-estar animal.

Alguns frigoríficos já começam a premiar pelos animais bem conformados, que além da genética, são bem cuidados a ponto de terem que usar menos medicamentos, terem uma cobertura de gordura homogênea e não terem contusões que desclassificam cortes ou carcaças inteiras, fazendo com que o produto resultante seja isento de imperfeições, com maior rendimento de aproveitamento do produto acabado e, portanto, com um maior valor de mercado.

A preocupação com o bem-estar animal pode não só trazer melhorias para a produção e a qualidade da carne e seus subprodutos, como também uma avaliação positiva pelo consumidor.

A questão do transporte também é percebida pelos entrevistados como um ponto que precisa ser muito melhorado para a produção nacional atingir melhores patamares. Foram ressaltadas as necessidades de padronização e acompanhamento técnico no transporte, assim como a necessidade de orientação e educação da mão-de-obra envolvida (caminhoneiros, funcionários do frigorífico e técnicos).

Há uma diferença muito grande nas condições de transporte dependendo de quem o organiza. A maioria dos grandes frigoríficos, principalmente aqueles que atendem ao mercado externo, já procuram ter todo o treinamento de manejo e bem-estar em transporte e veículos adequados. A situação, no entanto, pode ser bem diferente se são frigoríficos pequenos, sem transporte e que atuam em mercados locais que organizam embarque e transporte.

A questão do bem-estar no transporte é muito grave e se torna ainda mais grave quando comparada com a produção, já que em diversos pontos a opinião de 88,9% dos entrevistados fica entre “muito preocupante” ou “preocupante”, enquanto na produção essa faixa ficava em torno de seis dos mesmos.

Na figura 2, pode-se observar a opinião dos entrevistados em relação às mais diversas características do transporte dos animais na média do Brasil.

Observa-se que a preparação dos animais para o transporte é percebida por 77,8% dos entrevistados como “muito preocupante” ou “preocupante”, o que reflete o estresse ao serem manejados quando da época do abate.

As condições de embarque são graves, muitas vezes não há estrutura correta para o embarque e o manejo e a falta de treinamento dos trabalhadores deixam a desejar. Assim, 33,3% dos entrevistados acham este fator “muito preocupante” e 55,6%, “preocupante”.

Os veículos utilizados no transporte também deixam muito a desejar, muitas vezes antigos, sem a mínima estrutura e com alta lotação de animais. Por isso, a maior parte dos

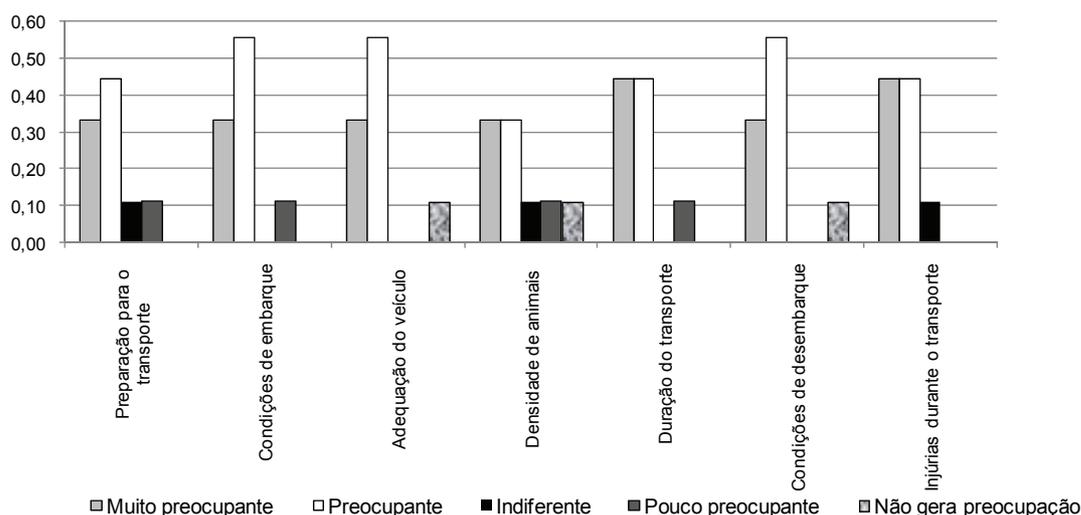


Figura 2 - Percepção dos Entrevistados sobre Pontos Específicos no Transporte do Gado de Corte, Brasil, Fevereiro e Março de 2011.

Fonte: Dados da pesquisa.

entrevistados acha que a adequação do transporte é “muito preocupante” (33,3%) ou “preocupante” (55,6%). Além disso, mais da metade dos entrevistados acha que o fator densidade dos animais no transporte é “muito preocupante” ou “preocupante”.

Devido à grande extensão territorial do Brasil e à distância existente entre os centros produtores e de abate e os consumidores, a duração do transporte acaba por se tornar uma dificuldade. Uma parcela representada por 44,4% dos entrevistados veem a duração do transporte como “preocupante”, além de outros 44,4% que a veem como “muito preocupante”, enquanto apenas 11,1% acham “pouco preocupante”.

Foi destacado, ainda, por um dos entrevistados, a infraestrutura precária das estradas rurais e a falta de incentivos e subsídios à renovação de instalações de manejo nas fazendas.

As condições de desembarque, assim como as de embarque, são vistas como “muito preocupante” ou “preocupante” por 88,9% dos entrevistados.

As injúrias ocorridas durante o transporte, seja pela má estrutura de transporte ou pela falta de espaços entre os animais, que acabam por se machucarem, também são um ponto crítico para o bem-estar e é uma situação “muito preocupante” para 44,4% dos entrevistados e “preocupante” para 44,4% dos mesmos.

O transporte de animais para o estabelecimento de abate caracteriza-se como a primei-

ra etapa do abate humanitário com efeitos significativos na qualidade da carne. Em condições desfavoráveis podem causar a morte do animal, ou ser responsável pelas principais contusões verificadas na inspeção pós-abate, como comentado por Costa et al. (2012) e Oliveira, Bortoli e Barcellos (2008).

Quanto aos abates, os entrevistados acreditam que hoje empresas maiores já vêm trabalhando com abates mais humanitários, precisando muitas vezes de pequenas adequações para atender às normas estabelecidas pela World Society for the Protection of Animals (WSPA, 2005) e pela Instrução Normativa n. 3/2000 de abate humanitário do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (BRASIL, 2000), por exemplo.

A HSA (2001) preconiza que se deve dispor de boas condições para o transporte, oferecer treinamento aos funcionários das fazendas, transportadoras e frigoríficos, para que sejam capazes de desenvolver seu trabalho com segurança, reduzindo situações de risco que possam levar ao sofrimento dos animais durante os manejos de pré-abate e de abate. Como, por exemplo, o treinamento do pessoal no curral para conduzir, evitar voz alta, usar o choque com parcimônia, entre outros aspectos.

Atualmente já há muitos frigoríficos com Serviço de Inspeção Federal (SIF) e Serviço de Inspeção Estadual (SIE), certificados e auditados regularmente, que tendem a observar a Instrução

Normativa n. 3/2000, de abate humanitário, onde os currais são adequados, limpos, com água disponível todo o tempo e alguns até mesmo sombreados, visando minimizar o estresse.

Entretanto, os entrevistados chamam a atenção para o fato de que ainda existem muitos pequenos frigoríficos, sob inspeção municipal e estadual, que são pouco fiscalizados e desconhecem muitos dessas recomendações. Na verdade, muitos desses pequenos abatedouros ainda apresentam falhas básicas como as condições higiênicas, por exemplo, estando ainda muito longe de executar trabalhos voltados ao abate humanitário.

Hoje, já existem regras para a instalação de plantas de abate, mas segundo os entrevistados, os critérios de aprovação no âmbito federal, estadual ou municipal são divergentes em alguns aspectos, sendo importante avançar na padronização de regras mínimas nas três esferas de decisão.

A falta de fiscalização em todos os níveis - federal, estadual e municipal - para o desenvolvimento da questão do bem-estar em abates, como nas demais fases de produção, no país acaba por se tornar uma barreira ao desenvolvimento de um setor voltado para a questão.

A opinião predominante entre os entrevistados é de que as normas existentes na legislação nacional são compatíveis com o bem-estar animal, mas ainda são poucos os estabelecimentos que as seguem em sua completude. Ressalta-se também a existência ainda de abates clandestinos, não registrados e que não seguem padrões mínimos exigidos para um abatedouro regular.

Existe uma associação direta da qualidade da carne com o manejo pré-abate, seja na propriedade, transporte dos animais ou no frigorífico. O embarque dos animais na fazenda é o início do processo pré-abate, pois é o processo em que os bovinos estarão suscetíveis a iniciar o estresse. É importante reduzir o estresse dos animais durante a rotina de manejo.

5 - CONCLUSÕES

A proposta básica deste trabalho foi conhecer a percepção em relação ao bem-estar animal das diferentes organizações atuantes na bovinocultura de corte do Brasil. Para isso foi

utilizado o método Delphi, que faz o uso de entrevistas com especialistas da área.

O método se mostrou muito eficiente e esclarecedor nos pontos pesquisados. Quando direcionada para os pontos de interesse, a entrevista permitiu fazer um levantamento de dados substanciais, além de trazer um entendimento dos vários pontos de vista dos participantes, enxergando melhor, assim, o contexto geral.

O bem-estar animal está entremeado em toda a cadeia produtiva, desde a parte social até a parte econômica. Trata-se de uma questão que vai desde o foco na ética e justiça em relação aos animais até a questão de qualidade do produto final e melhores retornos.

Na produção e manejo de bovino de corte, os pontos mais críticos são o desconforto e a dor, a presença de doenças e a falta de liberdade dos animais para expressarem um comportamento natural. As questões do clima e da falta de espaço em confinamentos aparecem como agravantes para essa situação.

A questão do bem-estar na logística, em seus diversos pontos, é uma das mais preocupantes. A situação em algumas de suas fases foi percebida como muito grave. Fatores como adequação do transporte, duração, condições de embarque, entre outros, deixam muito a desejar e muitas vezes não atendem aos mínimos requisitos de boas práticas. Existe grande necessidade de orientação e educação da mão de obra envolvida, levando em conta os princípios de boas práticas e o bem-estar animal.

Muito já se foi feito para melhorar as condições de bem-estar animal quando se refere ao abate. Já há normas para abate humanitário e muitos frigoríficos já as seguem. Há também os serviços de fiscalização, como o SIF e o SIE, que avaliam a qualidade na produção de alimentos de origem animal. Ainda há, porém, muitos frigoríficos que não atendem requisitos mínimos de qualidade.

O Brasil tem a vantagem de ter grandes extensões de terra, possibilitando e incentivando a criação extensiva de gado. Sendo assim, a questão de bem-estar animal se torna relativamente mais avançada no Brasil que nos países com sistemas de criação intensiva predominantes, já que o ambiente já favorece alguns dos requisitos para o bem-estar animal, como a liberdade para expressar um comportamento natural

(cinco liberdades).

Muitas vezes as empresas envolvidas no setor não se aproveitam dessa vantagem comercial, não explorando e divulgando esse diferencial. Os custos para adaptar toda a cadeia são relativamente baixos quando se compara com os possíveis ganhos mercadológicos por meio dos ganhos de produção e qualidade, possibilitando, assim, que todo o sistema produtivo possa absorver estes custos sem maiores consequências.

O Brasil ainda precisa avançar muito em vários aspectos da produção para poder atender aos requisitos de bem-estar animal. Além disso, ainda há questões sociais importantes a serem resolvidas para se poder ter um mercado

interno onde exista uma demanda por parte do consumidor, tais como educação, conscientização, poder aquisitivo, entre outras, para que o consumidor passe a exigir do mercado não apenas os aspectos de preço, mas também aspectos de qualidade do produto e bem-estar animal.

Existe espaço para mudanças na legislação, criando normas específicas para o bem-estar animal, já que hoje estas questões só se encontram dentro de outras normas de forma mais vaga. São necessárias leis que regularizem o sistema de transporte de animais, que incentivem o treinamento das pessoas envolvidas e, acima de tudo, se faz necessária a conscientização e fiscalização efetiva em toda a cadeia da produção.

LITERATURA CITADA

ANNEBERG, I.; VAARST, M.; SORENSEN, J. T. The experience of animal welfare inspections as perceived by danish livestock farmers: a qualitative research approach. **Livestock Science**, Vol. 147, Issue. 3, pp. 49-58, 2012.

ASTIGARRAGA, E. **El Método Delphi**. San Sebastian: Universidad de Deusto - Facultad de CC.EE. y Empresariales, 2005.

BELLAVER, C.; BELLAVER, I. H. Livestock production and quality of societies life in transition economies. **Livestock Production Science**, Amsterdam, Vol. 59, pp. 125-135, 1999.

BRASIL. Secretaria de Defesa Agropecuária, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Instrução Normativa n. 3, de 17 de janeiro de 2000**. 2000.

BROOM, D. M. Indicators of poor welfare. **British Veterinary Journal**, London, Vol. 142, pp. 524-526, 1986.

CODEX ALIMENTARIUS - Codex Alimentarius Commission. **Guidelines for the production, processing, labelling and marketing of organically produced foods**. Roma, 1999. Disponível em: <http://www.codexalimentarius.org/input/download/standards/360/cxg_032e.pdf>. Acesso em: 2009.

COSTA, M. J. R. P. et al. Strategies to promote farm animal welfare in Latin America and their effects on carcass and meat quality traits. **Meat Science**, Vol. 92, Issue 3, pp. 221-226, 2012.

DALKEY, N.; HELMER, O. An Experimental application of the Delphi method to the use of experts. **Management Science**, Maryland, Vol. 9, Issue 3, pp. 458-67, Apr. 1963.

ESTES, G. M.; KUESPERT, D. Delphi in industrial forecasting. **Chemical and Engineering News**, EUA, pp. 40-47, Aug. 1976.

EUCLIDES FILHO, K. Produção de bovinos de corte e o trinômio genótipo-ambiente-mercado. **Embrapa Gado de Corte**, Campo Grande, 2000. 66 p.

FARM ANIMAL WELFARE COUNCIL - FAWC. **Five Freedoms**. London: FAWC, 2009. Disponível em: <<http://www.fawc.org.uk/freedoms.htm>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

HOCQUETTE, J. F. et al. Opportunities for predicting and manipulating beef quality. **Meat Science**, Vol. 92, Issue 3, pp. 197-209, 2012.

HOCQUETTE, J. F.; CHATELLIER, V. Prospects for the European beef sector over the next 30 years. **Animal Frontiers**. Vol. 1, pp. 20-28, 2011.

HUMANE SLAUGHTER ASSOCIATION - HSA. **Captive-Bolt Stunning of Livestoc**. Hertfordshire: HAS, 3. ed., Issue 2, pp. 1-22. 2001.

HURNIK, J. F. Behaviour (Chapter 13). In: PHILLIPS, C.; PIGGINS, D. (Eds.). **Farm animals and the environment**. Wallingford: CAB International, 1992. pp. 235-244.

KAYO, E. K.; SEOURATO, J. R. Método Delphi: fundamentos, críticas e vieses. **Cadernos de Pesquisa em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 51-61, 1997. (1. semestre).

MOLENTO, C. F. M. Bem-estar e produção animal: aspectos econômicos. **Archives of Veterinary Science**, v. 10, n. 1, p. 1-11, 2005.

OLIVEIRA, C. B.; BORTOLI, E. C.; BARCELLOS, J. O. J. Diferenciação por qualidade da carne bovina: a ótica do bem-estar animal. **Ciência Rural**, Santa Maria, RS, v. 38, n. 7, p. 2092-2096, 2008.

RUSHEN, J. et al. **The Welfare of Cattle**. New York: Springer, 2007. 310 p.

WORLD SOCIETY FOR THE PROTECTION OF ANIMALS - WSPA. **Animals and people first, why good animal welfare is important for feeding people, for trade and for the future**. London, UK. 2005. Disponível em: <<http://www.wspa-international.org/>>. Acesso em: 2009.

WRIGHT, J. T.; GIOVINAZZO, R. A. Delphi: uma ferramenta de apoio ao planejamento prospectivo. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 12, 2000. (2. trimestre).

BEM-ESTAR ANIMAL NA PRODUÇÃO DE CARNE BOVINA BRASILEIRA

RESUMO: A situação da produção pecuária de corte no Brasil apresenta alta variação, assim tem-se no país desde produtores que já se preocupam com uma produção voltada para o bem-estar animal e, ao mesmo tempo, ainda existem produtores e frigoríficos que não atendem a requisitos primários de boas práticas e higiene. Contudo, acredita-se ser possível desenvolver uma produção com maior bem-estar animal criando um mercado diferenciado conseguindo um produto de qualidade e maiores retornos. O objetivo deste trabalho foi analisar a percepção dos especialistas da área da pecuária de corte sobre os aspectos do bem-estar animal que podem ser adotados na cadeia produtiva da carne bovina.

Palavras-chave: método delphi, bovinocultura de corte, bem-estar animal, diferenciação de mercado.

BEEF CATTLE WELFARE IN BRAZIL

ABSTRACT: The beef cattle production scenario in Brazil shows great variation. Whereas some beef farmers are already concerned with the welfare of their animals, other producers and slaughtering houses do not meet the minimum requirements of good practices for animal well-being and hygiene. However, it may be possible develop a production focused on better animal welfare by creating a differentiated market based on animal-friendly farming practices and obtain greater returns. The objective of this study was to analyze the perception of beef cattle specialists about animal welfare aspects that can be adopted in the beef supply chain.

Key-words: delphi method, beef cattle, animal welfare, market differentiation.

Recebido em 14/01/2013. Liberado para publicação em 11/04/2013.